



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS

Diálogos plurais sobre a ampliação do BRICS

Qual é a argamassa que sustenta os tijolos do BRICS?

Por Marta Fernández

Diretora - BRICS Policy Center

Pesquisadora e Professora Associada - IRI/PUC-Rio

Diálogos plurais sobre a ampliação do BRICS

No dia 15/09 realizamos no BRICS Policy Center um debate sobre o momento político dos BRICS onde os pesquisadores/as do Centro trocaram impressões, análises e perspectivas sobre a ampliação do agrupamento e sobre os resultados da XV Cúpula realizada em Johannesburgo, na África do Sul. O debate resultou nesta publicação com notas analíticas produzidas pelos/as pesquisadores/as do IRI/BPC: Beatriz Mattos, Isabel Siqueira, Jimmy Klausen, Marta Fernández e Sergio Veloso, a partir das suas respectivas agendas de pesquisa. Em breve outros textos serão adicionados à publicação.



**BRICS
Policy Center**
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS

BRICS Policy Center

R. das Laranjeiras 307, 3 andar, Laranjeiras, RJ.
Rio de Janeiro, Brasil - Cep. 22240-004
e-mail: bpc@bricspolicycenter.org
bricspolicycenter.org

Equipe BPC

DIREÇÃO

Marta Fernández

COORDENADORA ADMIN.

Lia Frota e Lopes

ESTÁGIÁRIO

Tales Bruno Machado Costa de Carvalho

DESIGN E EDITORAÇÃO

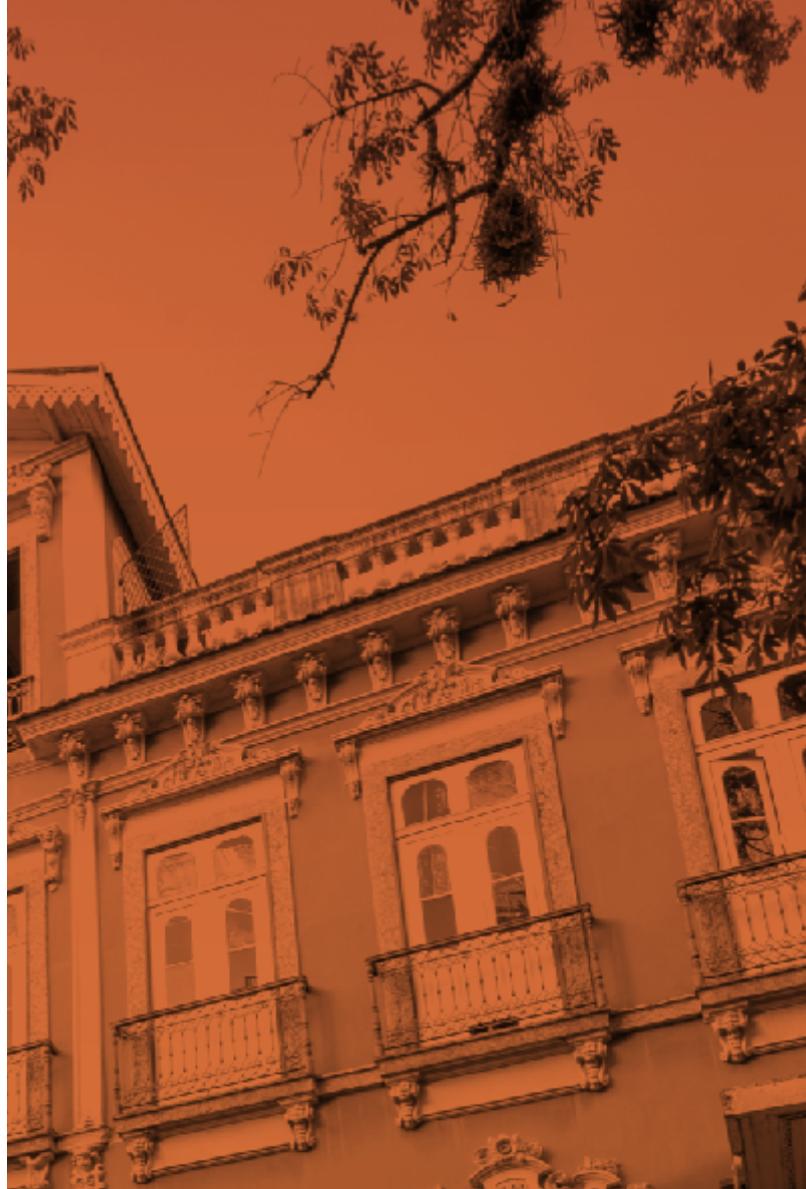
Luiz A. Segreto

Qual é a argamassa que sustenta os tijolos do BRICS?

Mais de 20 países formalizaram suas demandas para ingressarem no BRICS, evidenciando o poder de atração do agrupamento. Na última Cúpula realizada em Joanesburgo, 6 desses 20 países – Irã, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito, Etiópia e Argentina – foram convidados para aderirem ao BRICS a partir de janeiro de 2024. O ingresso destes países foi lido pela mídia, acadêmicos e decisores políticos, como uma vitória da China ao mesmo tempo que provocou ansiedades nos países do eixo euro-americano que vêm destacando a natureza autoritária dos regimes políticos dos novos integrantes e seus históricos de violação de direitos humanos. Essa suspeição, por sua vez, se intensifica em razão da instabilidade geopolítica derivada do conflito na Ucrânia, já que neste novo cenário temos assistido ao emprego crescente de narrativas euro-americanas que dividem o mundo entre democracias e regimes autoritários e que cobram lealdade incondicional a um dos mundos.

Se a bifurcação do mundo entre regimes democráticos e autoritários é a leitura hegemônica que vem se impondo nos meios de comunicação e acadêmicos ocidentais, o BRICS vem nos comunicar outras leituras de mundo. Tais leituras têm apontado que as relações de poder, sobretudo, institucionais, materializadas no sistema de governança global, continuam privilegiando o Norte e subjugando os países e povos do Sul Global. Desse modo, tais países têm operado com outras coordenadas, Norte/Sul, que requebram os imaginários espaciais presentes nos movimentos dos países pós-coloniais durante a Guerra Fria, como é o caso do G77 e do Movimento dos Não-Alinhados.

Argumentamos aqui, de forma tentativa, que o que o BRICS vem oferecendo aos Estados membros é uma infraestrutura material e simbólica. Ao mesmo tempo que os países vêm entendendo que a entrada no BRICS pode significar acesso a financiamento e novas oportunidades comerciais, também existem ideias que cimentam o agrupamento. Tais ideias não são novas, mas ganharam novos contornos a partir do Conflito na Ucrânia que vem definindo a agenda do BRICS ainda que de modo invisível.



Por Marta Fernández

Diretora, BRICS Policy Center

Pesquisadora e Professora Associada, IRI/PUC-Rio

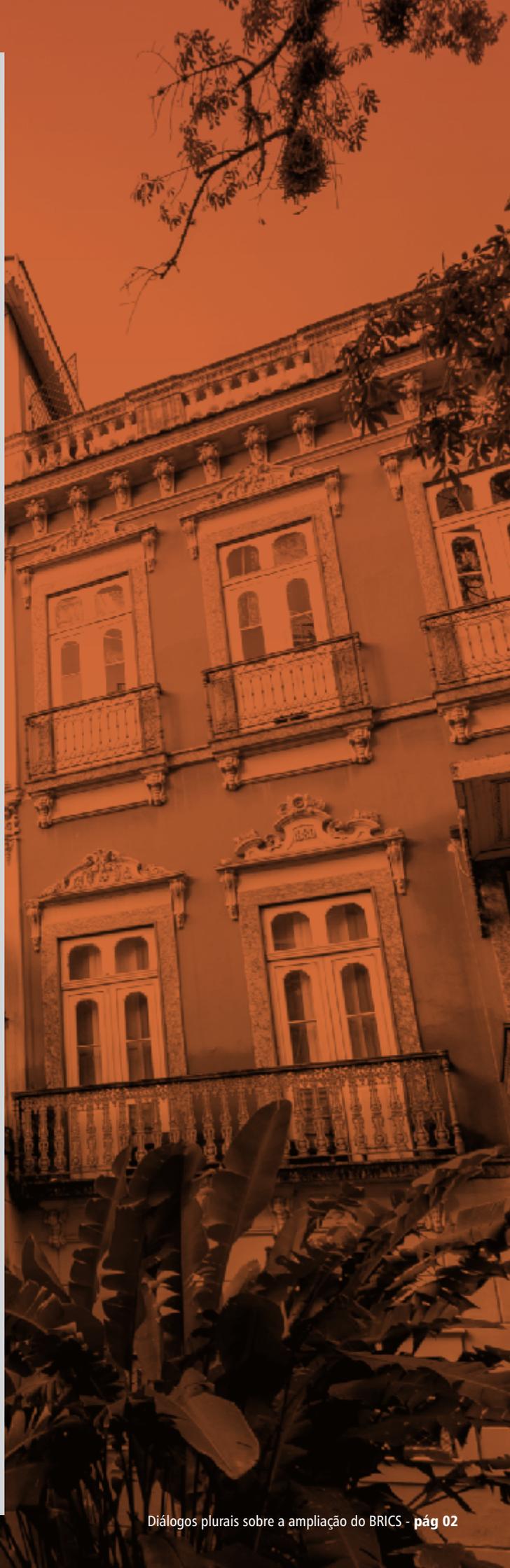
Nesse sentido, indagamos: qual a argamassa que mantém os tijolos dos BRICS juntos?

E ademais o que vem gerando esse
poder de atração do agrupamento?

Se por um lado, o conflito pouco aparece nos debates do agrupamento pela óbvia razão da Rússia ser um dos seus membros, por outro, o conflito vem revelando os limites da tão aclamada democracia norte-americana. Afinal, que democracia é essa que se vale de sanções unilaterais e da militarização do dólar para avançar seus objetivos? Ou que democracia é essa que continua a financiar uma guerra apesar de seus claros efeitos negativos em termos de insegurança alimentar e energética?

Nesse sentido, o BRICS vem tentando criar mecanismos alternativos para se protegerem dessas investidas unilaterais por meio, por exemplo, do Banco do BRICS com seus investimentos em infraestrutura e projetos de desenvolvimento sustentável. O que move tais países, portanto, é sobretudo a luta contra as desigualdades econômicas, políticas e sociais que continua produzindo pobreza, fome e dificultando, pela falta de financiamentos, processos de transição energética. Nesse sentido, o Ocidente continua a apostar, tal como ocorria na Guerra Fria, numa linguagem alegadamente universal de democracia, mas que recusa a democratizar as instâncias decisórias internacionais e a perceber que enquanto houver desigualdades, não haverá democracia. A potência e atração dos países do BRICS reside justamente no fato deles não trabalharem com linguagens universais, ou seja, com modelos pré-definidos e homogeneizadores de organização política, econômica e social, mas de apostarem num mundo multipolar que ofereça espaço para diferentes histórias. Nesse sentido, a força dos BRICS está no fato deles chegarem com tradutores, assim como os chineses têm feito sistematicamente nas suas visitas e conferências.

A preocupação com a tradução se revela no arrogado direito destes países de escolherem suas moedas, línguas, histórias, processos de modernização sem terem que necessariamente estarem atados às instituições financeiras internacionais e à hegemonia do dólar criados no pós-Segunda Guerra, a um processo de modernização que implica no enterro das tradições e aos perigos de uma história única.





Chama atenção por exemplo que na última cúpula tenha havido consenso em temas como a rejeição às sanções unilaterais, a necessidade de reforma do sistema de governança global e a promoção de culturas e medicinas tradicionais.

Nesse sentido, a heterogeneidade dos seus membros apontada como fraqueza é, de fato, o cimento que garante a coesão ao BRICS.

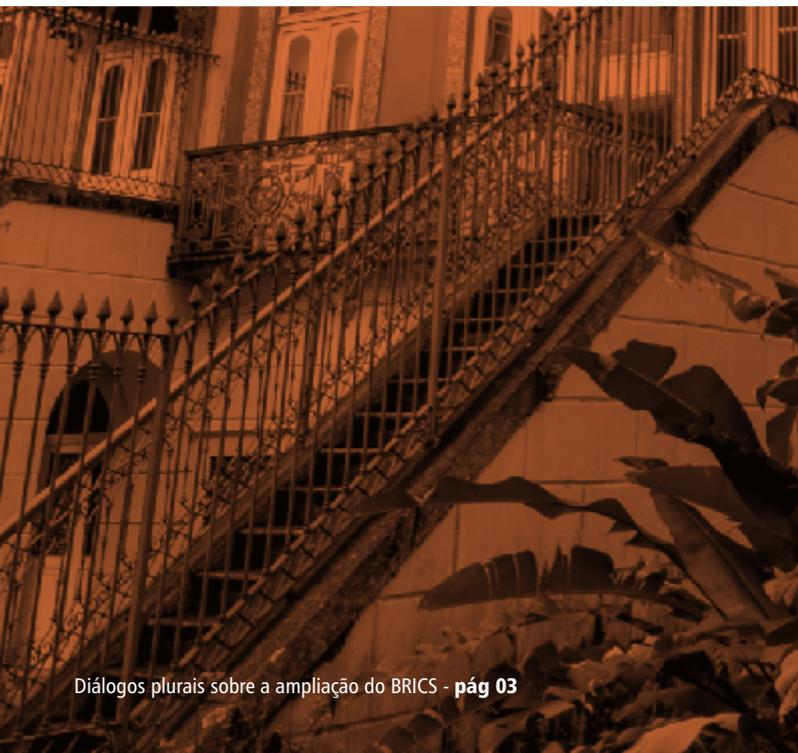
Tal coesão, contudo, estará constantemente sob o risco de fraturar se o enfrentamento às desigualdades internacionais expressa nas demandas pela reforma da arquitetura econômica e política internacional:

01 adiar o enfrentamento de outras formas de desigualdades estruturais, como é caso das desigualdades raciais e de gênero;



02 se não se abrirem aos movimentos sociais, minorias e diásporas que mais sofrem os efeitos nefastos das desigualdades interseccionais, de classe, território, gênero, racial, entre outras e;

03 se deixarem de lado uma crítica mais contundente ao circuito de acumulação capitalista em escala global.





BRICS Policy Center/Centro de Estudos e Pesquisas BRICS

R. das Laranjeiras 307, 3 andar, Laranjeiras, RJ.
Rio de Janeiro, Brasil - Cep. 22240-004
e-mail: bpc@bricspolicycenter.org

Mais informações acesse:

bricspolicycenter.org

Siga o BRICS    